

MÚSICA
4 MARÇO 2016

The Gloaming

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Sex 4 de março
21h30 • Grande Auditório
Duração: 1h30 • M6

Violino Martin Hayes **Voz** Iarla Ó Lionáird
Hardanger d'Amore Caoimhín Ó Raghallaigh
Guitarra Dennis Cahill **Piano** Thomas Bartlett

Música tradicional irlandesa

The Gloaming

As origens da música tradicional irlandesa perdem-se no tempo. E com o tempo a música foi mudando, os instrumentos usados também, os temas, os tipos de canções. Como acontece às músicas tradicionais em geral, que se transmitem oralmente de geração em geração e acompanham a história do povo que as cria.

Certamente que durante um largo período da história da Irlanda a música tradicional foi dominada pela que trouxeram os invasores Celtas, vindos do leste, influenciados pelo que ouviram nas suas terras de origem e de passa-

gem. A harpa céltica, o instrumento tradicional dominante até ao séc. XVII, terá origens no Egito, dizem. As raízes da música irlandesa reconhecíveis remontam a mais de 2000 anos.

São de finais do séc. XVIII as primeiras recolhas impressas de canções. O que permitiu que a transmissão não fosse só oral, entre as pessoas do campo menos ilustradas, mas também abrangesse a burguesia citadina que a tocava nos seus salões, para divertimento, ou nas suas festas.

Nos últimos dois séculos houve vários períodos de renascimento que alternaram com outros de esquecimento. Por razões políticas, religiosas, sociais. E de emigração. A Irlanda foi um país pobre, devastado por guerras, fomes, doenças, e muitos dos seus habitantes, e com eles muitos dos que mantinham viva a tradição, foram viver para outras paragens.

As comunidades de emigrantes irlandeses nos EUA, em cidades como Nova Iorque, Chicago ou Boston, reuniam-se e tocavam a sua música popular ancestral. Vivendo em país longe do seu, com várias comunidades diferentes, era natural que se juntassem e tocassem e cantassem o que tinham ouvido às gerações dos seus pais e avós.

A música, como a cultura em geral, é um elemento de definição da identidade e da coesão de um povo, como facilmente qualquer um de nós, quando pensa no seu país e em si próprio, se dá conta. Foi nos EUA que se gravaram os primeiros discos desta música. A gravação é um instrumento poderoso de divulgação, como toda a gente sabe. De fixação de canções e de formas de

interpretar, de regras e de cânones que antes só diretamente eram transmitidas. As compilações escritas ajudavam, mas a escrita é impotente para transmitir o som.

A mais recente onda revivalista, que acompanha o sucesso mundial que as músicas tradicionais em geral têm desde finais dos anos de 1990, deve-se muito ao êxito de intérpretes como The Chieftains, The Dubliners, The Clancy Brothers, na Irlanda, em Inglaterra e, sobretudo, pela sua dimensão e poder, nos EUA. Esses grupos não surgiram do nada. Seguiram-se a um persistente trabalho de investigação, de prática musical em lugares públicos, como os bares hoje tão afamados, ou nas famílias, de criação de novos temas e canções, de incorporação de outras linguagens musicais.

Artistas como Van Morrison ou Sinéad O'Connor, entre muitos outros, incluem nos seus grandes êxitos elementos da música popular, dando uma contribuição importante para a sua expansão e o seu êxito crescente junto das pessoas.

Hoje em dia a música popular da Irlanda é ouvida em toda a parte.

O instrumento dominante atual da *folk music* irlandesa é o *fiddle*. Fisicamente é igual a um violino, e assim o chamaremos daqui para a frente. Mas o som e a maneira de o tocar são muito diferentes do violino clássico. Há estilos e técnicas diversos consoante as regiões, os *county* (os condados, que reúnem vários municípios, como já aconteceu em Portugal com os distritos – outra palavra usada para traduzir o termo inglês).

A flauta, o pífaro, a gaita-de-foles irlandesa (*uilleann pipes*), a guitarra, o banjo, o bandolim, a harmónica, o acordeão, são os instrumentos mais utilizados tradicionalmente. São instrumentos de origem rural, que eram fáceis e baratos de construir e são portáteis. Podem-se ter em casa e levá-los para onde os seus tocadores quiserem.

Como é comum nas músicas populares, também na irlandesa há dois tipos dominantes de canções. As baladas, onde se exprimem dor e mágoa, e as canções de festa e celebração que se dançam com alegria. Nas danças é notória a influência de canções de outros povos, por exemplo a valsa, as polcas, as mazurcas...

As danças começam com uma lenta introdução (como sucede muitas vezes com a música *klezmer*, por exemplo) e depois aceleram. A parte rápida tornou-se mais rápida quando a tradição ressurgiu nos EUA e veio de volta para a Irlanda. É uma das razões porque é tão sedutora para muitos. É difícil resistir ao apelo à dança.

The Gloaming é um grupo que se inclui nesta longa evolução da música tradicional irlandesa e que contribui para que ela prossiga o seu caminho. É indiscutível que a sua música tem profundas raízes na tradição, facilmente detetáveis, a que lhes acrescenta uma componente contemporânea. Já lá iremos.

Começemos primeiro por contar um bocadinho da história deste supergrupo (é assim por muitos designado).

Martin Hayes é o violinista (usaremos este substantivo para designar o tocador

de *fiddle*) que foi três vezes campeão na Irlanda e é um músico tradicional muito popular no seu país. Nasceu e foi criado no condado de Clare, o maior dos 32 condados da Irlanda, conhecido também por nele se praticar uma das quatro principais formas tradicionais de tocar o violino.

Conta ele: “As coisas começaram porque eu disse a algumas pessoas que estava a pensar formar uma banda. Essas pessoas disseram a outras, que marcaram um concerto no National Concert Hall em Dublin”, a principal sala da capital. Ainda o grupo, estando presentes todos os membros, não tinha ensaiado uma nota sequer e já o concerto estava esgotado! Tal é o prestígio de Martin Hayes junto dos seus compatriotas.

A escolha dos músicos que compõem o grupo também tem a sua história.

O jovem pianista americano Thomas Bartlett, cresceu em Vermont e entre os seus amigos da escola estavam dois que se viriam a revelar, um deles compositor, o outro um inovador na música tradicional. Desde muito pequeno que Thomas tinha uma obsessão pela arte de Martin. Numa entrevista disse: “Lembro-me da primeira vez que ouvi Martin tocar. Houve qualquer coisa que aconteceu no meu corpo e que nunca me tinha acontecido, senti como se o meu coração se expandisse e contraísse de acordo com a forma como ele tocava”.

“Quando tinha perto de 12 anos” – contou noutra entrevista – “convenci os meus pais a irmos passar umas férias à Irlanda de modo a eu poder

acompanhar uma digressão de Martin. Na quarta ou quinta noite ele deve ter começado a pensar quem seria aquele estranho rapazinho sorridente que estava sempre na primeira fila e tomou a iniciativa de se me apresentar. Eu queria imenso que ele viesse a Vermont e por isso, quando voltei para casa, contactei o seu agente”.

Martin acrescentou: “Isto deve ter acontecido no princípio do uso do e-mail. Porque foi só quando estava quase no avião que me dei conta: fui contratado para tocar na América por um promotor de 12 anos de idade?”. Com a ajuda dos pais de um amigo de Thomas, que tinham influência na cena *folk* de Vermont, tudo correu bem e todos ficaram satisfeitos.

Thomas, mais tarde, mudou-se para Nova Iorque, onde prossegue a sua carreira, tocando, por exemplo, com David Byrne e Yoko Ono, e mantendo sempre a relação com Martin. Quando este pensou no grupo que queria formar com músicos irlandeses e americanos, claro que não podia faltar o seu admirador de sempre e grande pianista.

O guitarrista Dennis Cahill é amigo, parceiro antigo, de Martin em muitos projetos. Claro que tinha que o chamar. Pensou que um violino só seria pouco para o som que desejava e lembrou-se do jovem Ó Raghallaigh, que dominava o violino tradicional da Noruega, *hardganger*, que tem o dobro das cordas dos violinos comuns e permite sonoridades diferentes. Assim reforçava a componente das cordas friccionadas que não são abafadas pelo piano e pela guitarra.

Como cantor, Martin escolheu o melhor de todos, também um amigo. O grande mestre do canto tradicional *sean-nós* (“à maneira antiga”). Como todos os outros, um artista excepcional com uma carreira própria e reconhecida.

Ó Lionáird conta que “Martin e eu pertencemos à última geração que aprendeu a música em primeira mão, sentada nos joelhos dos mestres. Mas ao mesmo tempo, nunca pretendemos esconder que ouvíamos outras coisas”, como Beatles, Abba, Talking Heads, Patti Smith, Philipp Glass.

Um grupo destes estava longe de ser uma aposta ganha à partida. Era um risco. Podia não resultar e seria um fiasco monumental porque o concerto de apresentação estava marcado e todos os bilhetes vendidos.

Ó Lionáird, quando se juntou pela primeira vez a Martin e Thomas num estúdio em Nova Iorque, nem sequer cantou. Sentou-se e ouviu em silêncio. “Eu estava super impressionado (...) eles faziam com que os temas do violino soassem como se se tratasse de um filme, como se fossem projetados num grande ecrã. Fez-me lembrar a obra de Copland *Appalachian Spring*, o mundo antigo extasiado perante as paisagens americanas”.

Segundo ele, o segredo para que tudo tenha batido certo foi terem sempre mantido uma grande espontaneidade nas coisas. Thomas, pelo seu lado, refere que “talvez *The Gloaming* se deem tão bem porque eu não reconheço as melodias como o resto da banda as vê. Eles ficam muito felizes por ultrapassar

as fronteiras tradicionais, mas o facto de eu nem sequer as conhecer, ajuda a fazê-las desaparecer”.

Se há segredo para que estes músicos se tenham entendido e se entendam tão bem, certamente que ele se relacionará com o talento e a sensibilidade de cada um. E aí está o dedo de Martin: acertou nas escolhas que fez e soube liderar o grupo.

O primeiro concerto, em agosto de 2011, o tal que estava esgotado antes mesmo de a banda existir, teve a presença do Primeiro-Ministro da altura, Edna Kenny, e foi um estrondoso sucesso. A coisa começou bem. E melhor continuou, com uma digressão pelo país. A que se seguiram muitas outras pela Irlanda, Inglaterra, França, Holanda, Estados Unidos, etc. Nos teatros, salas de concertos e festivais mais reputados.

O entusiasmo do público que esgota os concertos, o aplauso enorme da crítica, são dois sinais da qualidade do grupo. Ouvi-lo confirma-se o que os sinais anunciam.

Em 2014 saiu o seu primeiro CD, *The Gloaming*. Revistas da especialidade, em papel ou *on-line*, e grandes jornais de Inglaterra, Alemanha, Holanda, Bélgica, EUA, entre outros países, não pouparam elogios e quase sempre deram a nota máxima, popularizada com as cinco estrelas da praxe. A lista é grande. Vários consideraram-no o melhor álbum de música popular do ano e quase todos os incluíram nas listas, que se tornaram moda, dos melhores do ano.

Tanto êxito, tanta coincidência de opiniões, poderiam ser suspeitos. Ainda mais porque não se trata de um grupo

ortodoxo. Todos estão de acordo com o facto de a música que fazem, com uma grande fidelidade à tradição ser, simultaneamente, muito contemporânea, no sentido em que introduzem sons, estilos, repertório que renovam a tradição respeitando-a.

Pelo que já vimos, a banda usa instrumentos e uma conjugação deles fora das regras. O violino continua a ter um papel fundamental, mas a sonoridade do conjunto é nova, sem fazer uma rutura com o passado. O mesmo que acontece, por exemplo, quando se usa contrabaixo a acompanhar o fado. É um instrumento que não se usava.

Martin: “Não soa como uma banda tradicional. Não soa como devia soar”.

Os mais apegados às formas antigas reagem mal às inovações, é sabido. O Lónaird disse que “não estou nada seguro que o meu pai, por exemplo, o meu maior mentor musical, aprovasse a música que fazemos. Mas nesta altura da minha vida senti que tinha que experimentar e fazer música de que o meu pai não gostaria”.

Para quem conhece um pouco da música irlandesa de dança que, como já vimos, começa lenta para continuar de forma muito acelerada, vai notar, e provavelmente estranhar ao princípio, que The Gloaming toque as partes rápidas com muito menos velocidade do que é habitual.

Martin acha que tocando mais devagar se revela quão tanta música existe dentro destas canções antigas. Se ouvirem com atenção, certamente que vão concordar com ele. A música revela-se em toda a sua beleza.

Quando estávamos a escrever estas notas, soubemos que o grupo vai lançar em 26 de fevereiro, antes, pois, deste concerto, um novo disco. Mandaram-nos um vídeo da gravação de uma das canções que logo colocámos no nosso site e no facebook. Uma balada pungente, maravilhosamente cantada, linda, comovente.

É natural que no concerto de hoje incluam canções dos seus dois álbuns. O que existia quando os convidámos para virem a Portugal (o Teatro Viriato, em Viseu, juntou-se a nós; partilhámos ideias e sensibilidade) e o que entretanto construíram e será editado pouco antes do concerto. E, se calhar, outros temas que não gravaram ainda ou que nunca gravarão.

Para nós, tudo o que tocarmos é novo. É a primeira vez que vêm a Portugal. E será, estamos convencidos, um concerto de uma beleza inesquecível.

Para escrevermos estas notas socorremo-nos de informação que se encontra na internet. Em particular no site do grupo, no da editora Real World Records e no do *The Guardian*, onde se encontra um texto que seguimos de muito perto, que conta a história do grupo e cita quase todas as afirmações dos músicos que aqui transcrevemos. www.theguardian.com/music/2014/jul/23/the-gloaming-interview

Próximo espetáculo

O Medo e a Coragem



Instalação / Música Sáb 5, Dom 6 março
Sala 3 · 10h30, 16h · Dur. 30 min · M3

Criação Nuno Figueira, Sara Barros Leitão, SÁ
Interpretação Sara Barros Leitão, SÁ **Desenho de luz e vídeo** Nuno Figueira **Desenho de som** SÁ
Produção Serviço Educativo da Culturgest

Fecha os olhos e viajas sem te aperceberes. Recontar as histórias que te contam é um desafio. Filhos, pais e avós vivem a mesma experiência sensorial, para recontarem uns aos outros e se recontarem a si próprios. Quando se põe a palavra de lado, entramos noutra universo. Quando largamos o óbvio, descobrimos que temos outros sentidos. Fechar os olhos e comunicar com o tato, fechar os olhos e cheirar a bolo de iogurte da tua avó.

Abres os olhos e é como se estivesses em tua casa, mas sem nada para te distrair.

Não há certo nem errado, positivo ou negativo. Não há um padrão a cumprir. O que pode estar errado está certo, se não tiveres medo. Terás coragem para enfrentar, dar a volta e ultrapassares-te a ti próprio? Fecha os olhos e viajas sem te aperceberes.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

Estagiárias:

Cláudia Pereira

Nádia Luís

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Sara Amaral

Estagiária:

Carlota Carmo

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino
(coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
